

## Orlando Caliman

É economista e escreve às quintas-feiras neste espaço

E-mail: ocaliman.vix@gmail.com

/// Ousaria afirmar que, de todas as crises pelas quais nosso país passou no período pós-guerra, talvez esta seja a que apresenta maior conteúdo endógeno

### A crise de dentro

O que está acontecendo hoje na economia brasileira não se enquadra na interpretação de que se trata apenas de um processo de transição ou de uma simples travessia de um momento de turbulência conjuntural. Muito ao contrário, o que podemos extrair da evolução dos movimentos dos números é de que estamos diante de uma crise com forte presença de elementos estruturais e de fatores endógenos, internos.

O protagonismo dessas duas características – estrutural e endógena –, com destaque para a dimensão política, que podemos entendê-la também como estrutural, configura essa crise como de maior complexidade e longevidade em termos da construção de soluções sustentáveis. É estrutural na medida em que depende de mudanças no conjunto de elementos que servem de referência e sustentação do modelo econômico, institucional e político do país. É endógena porque suas fontes causais estão mais sob o domínio de decisões internas.

Ousaria afirmar que, de todas as crises pelas quais nosso país passou no período pós-guerra, talvez esta seja a que apresenta maior conteúdo endógeno. A maioria das crises contaram com a colaboração

de fatores externos, naturalmente que reforçadas por fragilidades internas. Na década de 70, por exemplo, tivemos a crise do petróleo em 1974, chamada de “choque do petróleo”. E ao final dessa mesma década, novamente tivemos a disparada do preço do petróleo. E logo em seguida o Brasil sofreu fortemente com a escalada dos juros externos, que chegaram ao patamar de 18% ao ano – crise da dívida externa. Sofremos crises de natureza cambial na década de 90, deflagradas externamente, mas que pegaram o Brasil em situações de fragilidade.

Se para o próximo ano se se confirmar a previsão de queda do PIB, essa será a segunda vez que vamos ter dois anos seguidos de recessão desde 1900. A primeira sequência de variações negativas aconteceu nos anos de 1930 e 1931: -2,1% e -3,3%, respectivamente. É bom lembrar que o mundo capitalista passava na época pela sua maior crise – a Grande Depressão. O Brasil, que dependia fortemente da exportação de café, sofreu com a queda da demanda e dos preços. O país teve que queimar café para ajustar a oferta.

O que muito provavelmente faz da crise atual a com maior poder de destruição, principalmente no seu primeiro momento, são exatamente as suas características de longevidade, complexidade e presença de componentes estruturais. Isso porque na perspectiva de uma demora maior do retorno à normalidade, além de maior incerteza, as empresas apressam-se em se ajustarem, desempregando e cortando custos.